Três posturas

Philippe Panerai

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PANERAI, P. Três posturas. In: TREVISA, R. *Cidades novas* [online]. Brasília: Editora UnB, 2020, pp. 15-17. Pesquisa, inovação & ousadia series. ISBN: 978-65-5846-158-6. <https://doi.org/10.7476/9786558461586.0002>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](#).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](#).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](#).

Três posturas

Philippe Panerai

Professor honorário
Membro da Académie d'Architecture
Grand Prix de L'Urbanisme

Meu primeiro encontro com o Brasil se deu em Brasília, em 1986, quando do 2º Seminário sobre Desenho Urbano (SEDUR), tendo por tema a pesquisa em urbanismo. Vinte anos antes de Ricardo Trevisan se engajar no estudo do qual resultaria sua tese doutoral e que, com as adaptações de praxe, fornece a matéria do presente livro.

Vinte anos que marcam nossa passagem de um século a outro, 20 anos que marcam o amadurecimento da questão urbana na pesquisa brasileira para a qual Ricardo traz uma contribuição decisiva. O interesse de seu trabalho está no encontro de *três posturas* que, a meu ver, constituem as qualidades de um pesquisador em arquitetura e em urbanismo: uma excepcional abertura intelectual, uma cultura sólida, uma paixão pela pesquisa de campo.

A abertura intelectual – que poderíamos igualmente denominar, dando-lhe maior nobreza, de curiosidade científica – manifesta-se de início pela distância que Ricardo soube tomar em relação a Brasília, ícone incontestável da cidade nova do século XX, que além do mais é *cidade nova* e *capital*. De fato, Brasília pode ser uma armadilha forte pelo fascínio que ela exerce (e eu sei do que falo, por tê-lo experimentado). Ricardo soube escapar da teia de aranha que teceu Lucio Costa, não que a nova capital do Brasil esteja ausente, o que seria obviamente ridículo, mas ela não é a única, ela não está no centro do trabalho, ela não cerceia o pesquisador. Pelo contrário, somos levados a uma agradável viagem pelos séculos e continentes, com igual interesse por

experiências modestas e ambiciosas: de um simples loteamento, de uma pequena *bastide* até exemplares bem conhecidos, como São Petersburgo ou Belo Horizonte.

A cultura é sólida, isso é inegável. Para nos convencer, basta examinar a bibliografia – é por ela que os leitores sagazes sempre iniciam um livro para terem uma ideia do que passou pela cabeça do autor. Mas ela não para por aí; além de testemunhar a abertura intelectual já mencionada, seus títulos não só percorrem séculos e continentes, como misturam nacionalidades e línguas: português, inglês, francês, além do italiano, espanhol, alemão, húngaro, indiano... Sobretudo, os conhecimentos profundamente assimilados e integrados resultaram em uma obra clara, estruturada em dois textos introdutórios, "Cidades novas em seu contexto" e "Cidades novas e seus conceitos", que abrem magnificamente a questão, aos quais se sucedem seis capítulos, cada um deles dedicado a um tema: o desejo, a necessidade, o lugar, o profissional, o projeto e o tempo, que são maneiras diferentes e levemente deslocadas de abordar uma realidade complexa. No plano do método, trata-se de um exercício particularmente estimulante em que podemos observar em ação uma cultura viva que vai além da simples acumulação erudita.

A apropriação dessa cultura que o trabalho de Ricardo demonstra depende em muito, acredito, do seu gosto pela pesquisa de campo. Sem dúvida, ele não pôde (ainda) visitar todos os lugares de que nos fala e que nos apresenta por meio de plantas, fotos ou croquis, mas conhece muitos deles de primeira mão. E soube como chegar lá, soube percorrê-los a pé, revelando suas emoções, suas surpresas, suas dificuldades. Desse modo, seu esforço demonstra a necessidade do pesquisador arquiteto e urbanista, tanto quanto o geógrafo ou o sociólogo, de abandonar o teclado de seu computador para ir a campo testar incansavelmente a realidade dos lugares. Esta me parece ser uma terceira lição a extrair deste trabalho.

Para concluir, como não se comover com a introdução que Ricardo faz de sua obra: "Manhã pouco ensolarada, de temperatura agradável para um dia de verão na capital francesa. Igualmente agradável para a primeira visita a uma cidade nova na região da Grande Paris, Évry. Parto da Cité Universitaire às 9h30 da manhã.

Na estação do trem suburbano (RER), a compra do bilhete ida e volta me proporciona uma surpresa inicial. No guichê, meu destino, a estação de Évry-Courcouronne, faz os funcionários da RATP me olharem espantados.” Os ponteiros do relógio giram para trás em alta velocidade e revejo Ricardo, em julho de 2008: ele acabara de sair do meu escritório na rue des Feuillantines para explorar a cidade nova de Évry...

Obrigado, Ricardo, mergulhei com grande prazer em toda esta história e estou muito contente que seu esforço seja publicado e, assim, disponibilizado a um maior número de estudantes e de profissionais, com uma última observação: certamente merece ser traduzido ao menos para o francês e o inglês.

Paris, 2 de abril de 2018.